O avesso do avesso

Um estudo de ampla abrangência mostra como a idéia de imperialismo sobrevive no capitalismo mundial contemporâneo e discute a forma pela qual as sociedades resistem às suas estratégias de controle e dominação.

por Peter Pál Pelbart PUC-SP

Império
Toni Negri e Michael Hardt
Record

A impressão que se tem ao ler *Império*, escrito pelo pensador e militante italiano Toni Negri e o filósofo norte-americano Michael Hardt, é a de ter em mãos um mapa do mundo contemporâneo. A excitação intelectual que toma o leitor quando se embrenha em suas 500 páginas vem do fato de que os autores tiveram a coragem de pensar o contexto atual em sua abrangência maior, planetária, com um fôlego que não se via há tempos: leitura ao mesmo tempo histórica e filosófica, cultural e econômica, política e antropológica. Na impossibilidade de resumir o quadro teórico proposto pelos autores, pode-se seguir três linhas de força que atravessam seu pensamento, para dar uma idéia do vigor e da relevância da empreitada.

A primeira dessas linhas é o *Império*, compreendido não como uma entidade política ou nacional localizada, mas como uma lógica presente por toda parte, uma estrutura de poder generalizada, uma nova forma de soberania correspondente à atual fase do capitalismo mundial integrado. O *Império* não tem limites nem fronteiras: engloba a totalidade do espaço do mundo, apresenta-se como ordem a-histórica, eterna, definitiva, pe-

netrando no corpo, na mente, na inteligência, na afetividade da população.

Jamais uma ordem política avançou a tal ponto em todas as dimensões, reabrindo a totalidade da existência. No entanto, e é esse um dos pontos fortes do livro, esse poder não se exerce verticalmente. Ele está por toda parte. A soberania tornou-se imanente ao capital – é a subsunção real da sociedade mundial ao capital. Passou-se da “sociedade disciplinar” para a “sociedade de controle”: as instituições (prisão, escola, manicômio, hospital, universidade etc.) que funcionam como dispositivos disciplinares para a primeira entraram em colapso, mas sua lógica foi disseminada. Uma sociedade de controle pode prescindir dessas instituições, e por isso parece muito mais democrática e aberta. Seus mecanismos difusos incidem diretamente sobre o corpo e a mente dos cidadãos por meio de sistemas de comunicação, redes de informação, atividades de enquadramento etc. Por meio de redes flexíveis, moduláveis e flutuantes, o poder muda de cara, de alcance e de penetração. Torna-se função integradora da vida da população.

Pode-se deduzir, a partir dos argumentos expostos, que a totalização produzida pelo poder imperial tenha esva-

ziado o campo da conflitualidade política. Aí intervém a segunda linha de força do livro, que conduz a análise para o nível do corpo biopolítico coletivo. Basta tomar a tendência crescente de o trabalho imaterial (informação, ciência, comunicação, serviços etc.) constituir rede, dar-se por associação, instaurar cooperação e espaços comuns de comunicação. Mais e mais o trabalho aparece como atividade da multidão (e não do capital), produto de sua inteligência, conhecimento, paixão, afetividade, criatividade – em suma, de sua vitalidade. É a multidão, e não o Império, que cria novas fontes de energia e de valor. O poder do Império é apenas organizativo, não constituinte; ele parasita a riqueza virtual da multidão.

“O próprio Império não é uma realidade positiva”, dizem os autores, em uma inversão teórica que abre uma poderosa linha de escape para pensar a resistência. É como se dissessem: a lógica imperial removeu os últimos obstáculos para a subsunção real e total da sociedade ao capital, vampirizando como nunca o bios social. Mas, com isso, pôs a nu as sinergias da vida, os poderes virtuais da multidão, a força coletiva do desejo.

Chega-se, então, ao terceiro ponto – a resistência. Como esses elementos de virtualidade que constituem a multidão podem driblar as estratégias imperiais que se esforçam em neutralizar a potência subjetiva e explosiva da multidão, alienando-a de sua produtividade? O único ponto de partida possível é o espaço biopolítico (e não público) da multidão, considerado do ponto de vista do desejo, da produção, do coletivo humano em ação – da geração. Dizem os autores: “*nós somos os senhores do mundo porque **nosso** desejo e **nosso** trabalho regeneram-no continuamente*”.

O leitor termina o livro com vislumbres vertiginosos, mas sem palavras de ordem nem propostas concretas. Ao re-censar as atuais formas de resistência – de certos modos de deserção e defecção até a explosão de revoltas virulentas –, os autores insistem em que se trata de lutas a um só tempo econômicas, políticas, culturais, “biopolíticas”; são lutas que têm por objeto a forma de vida. No entanto, ainda parecem obsoletas, pois uma exigência maior se impõe: a de ir além da recusa, transpor o Império para “sair do outro lado”. Trata-se de construir, no não-lugar que as desconstruções das últimas décadas deixaram, um lugar novo. De tecer novas determinações do humano, de vida.

O militante pós-moderno não “representa” ninguém. Ele resiste de maneira criativa, inventando de dentro do Império dispositivos cooperativos de produção e de comunidade. Ao retomar as virtudes da ação insurrecional de dois séculos de experiência subversiva, o militante atual é chamado a ir além, participando da cooperação produtiva da intelectualidade de massa e das redes afetivas. “Esse militan-tismo faz da resistência um contrapoder e da rebelião um projeto de amor”, concluem os autores nessa utopia escrita em tom cáustico e terno.

“A lógica imperial removeu os últimos obstáculos para a subsunção da sociedade ao capital, mas, com isso, pôs a nu as sinergias da vida, o poder da multidão, a força coletiva do desejo.”